

La Comédiathèque

Memórias de uma mala

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**

<https://comediatheque.net>

Memórias de uma mala

**Quando a vida faz as malas...
Comédia em quinze sketches**

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Quinze histórias absurdas em que uma mala acompanha encontros, despedidas, viagens e mal-entendidos. Uma comédia de humor negro e situações inesperadas.

Elenco

31 papéis distribuídos por 15 sketches.

Elenco muito flexível, de 3 a 31 atores ou atrizes, com possibilidade de acumular personagens e adaptar os papéis a qualquer género.

1. Falta de público.....	3
2. A prestações.....	7
3. Na relva.....	10
4. Isto não é a Suíça.....	13
5. Excesso de bagagem.....	15
6. Ficar gelado.....	18
7. Segunda oportunidade.....	22
8. Sétimo céu.....	25
9. Adeus ou a nada.....	28
10. Bagagem suspeita.....	30
11. Tal e qual o filho.....	33
12. O grande salto.....	36
13. Seguro contra furos.....	39
14. Libertação.....	41
15. È finita la commedia.....	44

1. Falta de público

Duas personagens estão em cena, de um lado e do outro de uma mala. Parecem estar à espera.

Um – Achas que vão vir?

Dois – Quem?

Um – As pessoas!

Dois – As pessoas? Queres dizer o público...

Um – Os espectadores, sim!

Dois – Ah, sim, os espectadores...

Um – Não podemos representar se não houver espectadores.

Dois – Pois não... É precisamente por isso que não estamos a representar.

Um – Portanto, estamos de acordo: não estamos a representar?

Dois – Tu estás a representar?

Um – Não...

Dois – Exatamente. É o que eu dizia. Não vamos representar sem público.

Um – Mas então... O que estamos aqui a fazer?

Dois – E quem somos?

Um – Ninguém...

Dois – Somos duas personagens à procura de espectadores.

Uma pausa.

Um – E porque é que não haviam de vir?

Dois – Oh, já sabes, os espectadores... Sempre têm uma boa desculpa para não ir ao teatro.

Um – Tens razão.

Dois – Há uma greve dos transportes...

Um – São as férias...

Dois – Há um jogo na televisão...

Um – Acabou de haver um atentado...

Dois – Pode haver um atentado...

Um – Está demasiado bom tempo, mais vale ir passear...

Dois – Está demasiado mau tempo, mais vale ficar em casa...

Um – Não é recomendado pelos críticos, não vou.

Dois – É recomendado pelos críticos, deve ser aborrecido.

Um – É muito caro, prefiro ir ao cinema.

Dois – É quase gratuito, deve ser péssimo.

Um – Gostaria de ter vindo, mas tenho um casamento.

Dois – Um funeral.

Um – Um batizado.

Dois – Uma primeira comunhão.

Um – A religião sempre fez muito mal ao teatro.

Dois – Para encontrar uma boa desculpa, nunca lhes falta imaginação.

Um – É verdade... Porque para o resto...

Uma pausa.

Dois – E não estamos a pedir assim tanto.

Um – Não estamos à espera de encher um grande teatro.

Dois – Mas uma salinha como esta...

Um – Até meia sala.

A segunda personagem parece reparar finalmente na presença do público.

Dois – E estes, quem são?

Um – Onde?

Dois – Ali, na escuridão.

Um – Não vejo nada.

Dois – Lá, ao fundo.

Um – Ah, tens razão... Nem reparei quando entraram...

Dois – Sim, eu também não...

Um – Perdemos o hábito.

Dois – Estás a ver? Afinal, vieram!

Um – Não são muitos, mas vieram.

Dois – Desafiaram as greves, o mau tempo, as críticas...

Um – Deveríamos dar-lhes uma medalha.

Dois – É verdade. São heróis.

Um – Sim... Se soubéssemos...

Uma pausa.

Dois – E agora, o que fazemos?

Um – Como assim, o que fazemos?

Dois – Agora que os espectadores estão aqui! Temos de fazer algo.

Um – É que eu não preparei nada. E tu?

Dois – Eu também não.

Um – Não estávamos à espera.

Dois – É tão repentino...

Um – Já nem acreditávamos...

Dois – Há tanto tempo.

Um – Também é culpa deles...

Dois – Podiam ter-nos avisado.

Um – Não se vai ao teatro assim, de repente.

Dois – Isso não se faz.

Uma pausa.

Um – Talvez alguns tenham feito reservas.

Dois – Achas?

Um – É possível.

Dois – Sim, mas não nos dizem nada.

Um – Se não tivermos nada para lhes mostrar, vão ficar desapontados.

Dois – Isso dar-lhes-á outra boa desculpa para não voltar na próxima vez.

Um – Podíamos, não sei...

Dois – Podíamos cantar-lhes algo.

Um – Sabes cantar?

Dois – Sim... Mas não conheço nenhuma canção. E tu?

Um – Sim, conheço canções... mas não sei cantar.

Uma pausa.

Dois – Começo a perguntar-me se fizemos bem em vir...

Um – Tens razão... devíamos ter arranjado uma desculpa para não vir também.

Dois – Entretanto, o melhor é pormo-nos a andar.

Um – Não nos estamos a esquecer de nada?

A outra personagem olha em redor e repara na mala.

Dois – A mala!

Pega na mala.

Um – Vamos...

Começam a retirar-se discretamente.

2. A prestações

Uma personagem está em cena. Toca a campainha. Vai abrir.

Um – Sim?

Dois – Olá! Pode conceder-me cinco minutos?

O primeiro volta com o segundo, que traz uma mala.

Um – Passe um momento se quiser, mas não tenho muito tempo.

Dois – Ah, sim? E que tem de tão urgente para fazer? Ao domingo... No dia do Senhor...

Um – Não sei... Sempre há coisas a fazer...

Dois – Claro... Mas veja, não se arrependerá de me ter aberto a porta...

Um – Não me vai falar da Bíblia, pois não?

Dois – Tranquiline-se, não é Deus quem me envia. Seria mais o contrário... Apresento-me. Sou o diabo.

Um – Que susto... Pensei que fosse uma Testemunha de Jeová. Normalmente aparecem aos pares, por isso não desconfiei...

Dois – O que tenho para lhe oferecer é muito mais interessante... E trabalho sempre sozinho...

Um – Bem... Mas aviso desde já, não preciso de nada.

Dois – Quem sabe... Permita-me ao menos apresentar-lhe as nossas ofertas.

Um – A minha novela está quase a começar e tenho de reiniciar o router. A ligação aqui no prédio é péssima.

Dois – Não o vou reter muito tempo, prometo.

Um – Está bem... Estou a ouvir...

Dois – Gostaria de lhe propor um pacto.

Um – Quer dizer um pacote?

Dois – Não, não... Digo precisamente: um pacto.

Um – E em que consiste?

O segundo abre a mala e mostra o conteúdo.

Dois – Ofereço-lhe amor, glória e beleza.

Um – Oh, sabe como é... Na minha idade...

Dois – É uma opção adicional, mas enfim... Se insistir, também posso acrescentar-lhe a juventude.

Um – Juventude eterna?

Dois – Eterna... Não exageremos... O que há eterno neste mundo terreno?

Um – Sim, tem razão... É mais a era da adolescência programada.

Dois – Quer dizer a obsolescência programada, suponho?

Um – Amor, glória e beleza... Imagino que me vai custar os olhos da cara...

Dois – Desengane-se, meu caro senhor. É precisamente aí que a minha oferta se torna diabólica.

Um – Quanto?

Dois – Os olhos da cara não lhe peço... Só quero a sua alma.

Um – Ah sim?

Dois – Mas esteja descansado: pode pagar em prestações mensais.

Um – Tenho de pensar no assunto.

Dois – Vender a alma ao diabo, já sabe, é bastante comum nos dias de hoje.

Um – Se o diz...

Dois – E, afinal, para que lhe serviria?

Um – Com o quê?

Dois – Com a sua alma!

Um – É verdade que ultimamente... não a uso muito.

Dois – Então é melhor trocá-la por algo útil!

Um – Por outro lado... Nunca se sabe... Ainda posso vir a precisar dela.

Dois – Bom, como o vejo hesitante, acho que é o momento de apresentar-lhe a nossa promoção. Mas cuidado, só é válida por vinte e quatro horas...

Um – E qual é a sua promoção?

O segundo tira um catálogo da mala.

Dois – Como oferta de boas-vindas, tem televisão por cabo, internet rápida e um pacote de 563 canais, tudo completamente grátis... durante três meses.

Um – Ah sim, claro...

Dois – Pelo menos... já não correrá o risco de perder a sua novela favorita por causa de uma má ligação à internet.

Um – E dizia que para o resto, se podia pagar a prestações?

Dois – Vamos ficando com um bocadinho da sua alma todos os meses. Nem dará por isso.

Um – Posso ver o contrato?

Dois – Está tudo escrito aqui... Mas, como vê, a letra é muito pequena e o texto é bastante técnico.

Um – De facto... E nem sei onde pus os óculos...

Dois – Confia em mim? Limite-se a assinar no fim do pacto...

Um – Bem...

Dois – E não se esqueça de pôr as suas iniciais em todas as páginas...

Um – Espero que não seja muito longo, porque a minha novela está quase a começar...

Dois – Não se preocupe. Com o novo equipamento pode ver as repetições quando quiser! As vezes que lhe apetecer. Por toda a eternidade. E completamente grátis. Durante três meses...

Um – Está bem... Então, onde assino?

3. Na relva

Uma personagem está em cena. Entra outra com uma mala.

Um – Para onde vais com essa mala?

Dois – Para lado nenhum... Acabei de comprá-la. Estava em promoção.

Um – Certo... Vais viajar?

Dois – Não.

Um – Então porque é que compraste uma mala?

Dois – Já te disse, estava em promoção.

Um – Está bem... (Uma pausa.) Estás cada vez pior.

Dois – Uma mala sempre pode ser útil, não?

Um – Para quê? Se não é para ir a algum lugar.

Dois – Para onde queres que eu vá?

Um – Não sei... És tu quem comprou uma mala. És tonto ou o quê?

Dois – Podemos conversar, não?

Um – Sobre o quê?

Dois – Para onde irias tu se tivesses uma mala?

Um – Se tivesse uma mala?

Dois – Tens uma mala?

Um – O que ia fazer com uma mala?

Dois – Podias ir a algum lugar...

Um – Para onde?

Dois – Não sei...

Um – De qualquer forma, não tenho uma mala.

Dois – Queres que te empreste a minha?

Um – Para quê?

Dois – Para o caso de te apetecer ir a algum lado.

O outro olha-o com espanto.

Um – Mas para onde raio poderíamos ir?

Dois – Não sei. Mas pelo menos já temos a mala.

Um – Não estamos bem aqui?

Dois – Sim, bem... No fundo, também não sabemos como é noutro lugar, não é?

Um – Outro lugar?

Dois – Talvez seja melhor.

Um – Outro lugar poderia ser melhor?

Dois – Pois é. Não? Já que nunca estivemos lá. Nunca saímos daqui.

Um – Sim, bem... Sabes o que dizem...

Dois – O quê?

Um – Que a relva é mais verde do outro lado.

Dois – Não se pode dizer que aqui haja muita relva.

O outro olha à sua volta.

Um – Pois... Não deixas de ter razão.

Dois – Para começar, podíamos ir onde haja relva.

Um – Ao campo, queres dizer?

Dois – Onde haja relva.

Um – Para quê?

Dois – Para nos deitarmos nela. Já nem me lembro há quanto tempo não me deito na relva.

Um – Aqui vendem relva, mas não é para nos deitarmos nela.

Dois – Sai muito caro.

Um – Há um quadradinho de relva na praça, à frente da câmara municipal.

Dois – Pois... Mas está cheio de cocós de cão.

Um – E nem sequer nos deixam rebolar na relva.

Dois – Rebolar em quê?

Um – Na relva!

Dois – «Rebolar na relva»? É assim que se diz?

Um – Não sei. Mas de qualquer maneira é proibido.

Dois – Estás a ver? Não nos deixam rebolar na relva e até nos fazem duvidar de como se diz.

Dois – Então, vamos?

Um – Para onde?

Dois – Para o campo!

Um – O campo... E... onde começa o campo, exatamente?

Dois – Não sei... Onde acabar a linha de metro, imagino.

Um – Bem... Porque não? Vamos até ao fim da linha. Logo vemos se chegamos ao campo.

Dois – E o que metemos na mala?

Um – O que queres que metamos na mala? Para apanhar o metro...

Dois – Tens razão. Se encontrarmos algo interessante para trazer de lá, sempre podemos pô-lo na mala.

Um – Que linha apanhamos?

Dois – Não sei. A que vai para sul, certo?

Um – Então, a linha que vai para sul.

Dois – Que vá pelo menos até ao campo, se tivermos sorte.

Um – Está bem... Então vamos fazer as malas.

Dois – A mala já temos. Agora só falta fazermo-nos à estrada.

Saem.

4. Isto não é a Suíça

Uma personagem está em cena. Outra entra com uma mala.

Um – Então, chegou finalmente a hora de partir?

Dois – Pois chegou...

Um – Não quer mesmo ficar mais um bocadinho?

Dois – Gostava muito, mas não posso...

Um – Que pena... Soube a pouco. Mas há de voltar para nos visitar!

Dois – Claro...

Um – Ao menos gostou de cá estar?

Dois – Mas sim, garanto-lhe! Gostei muito...

Um – Ainda bem, ainda bem... Isto não é a Suíça, mas enfim...

Dois – Não.

Um – Como assim, não?

Dois – Estou a dizer que isto não é a Suíça.

Um – Acha que isto não é a Suíça?

Dois – Bom... Não. Estamos em França.

Um – França... Pois claro, França! Gosta de França?

Dois – Gosto muito.

Um – E conhece a Suíça?

Dois – Conheço. Estive lá no ano passado.

Um – A sério? E foi lá fazer o quê?

Dois – Oiço tanta gente dizer que isto não é a Suíça...

Um – Acha?

Dois – «Isto não é a Suíça» para aqui, «isto não é a Suíça» para ali... Resolvi ir confirmar.

Um – Confirmar o quê?

Dois – Se a Suíça é mesmo a Suíça, como toda a gente diz.

Um – Ah, pois claro.

Dois – Ainda agora disse que isto não era a Suíça.

Um – E não é.

Dois – Sim... Mas deu a entender que a Suíça era melhor do que França.

Um – É uma maneira de falar.

Dois – Mesmo assim...

Um – Então?

Dois – Então o quê?

Um – Como é a Suíça?

Dois – Bom... Quer que lhe diga a verdade?

Um – A verdade.

Dois – Não se compara a França.

Um – Ora aí está! Era o que eu dizia: a Suíça não é França.

Dois – Mas disse o contrário...

Um – O contrário?

Dois – Que França não é a Suíça.

Um – Vai dar ao mesmo, não? França não é a Suíça e a Suíça não é França.

Dois – Tem razão.

Um – França é França e a Suíça é a Suíça.

Dois – Exatamente.

Um – Não se devem confundir alhos com bugalhos.

Dois – Pois não. Alhos não são bugalhos.

Um – Evidentemente. Alhos são alhos e bugalhos são bugalhos.

Dois – Os alhos são França e os bugalhos são a Suíça.

Uma pausa.

Um – Bem, se calhar está na hora de ir, não?

Dois – Tem razão. Senão ainda perco o avião.

Um – De onde é que disse que vinha?

Dois – Da Eslováquia.

Um – Ah, sim... Aí é que podemos dizer que não é a Suíça.

Dois – Pois não...

Um – Então, boa viagem!

Dois – Obrigado!

5. Excesso de bagagem

Uma personagem está em cena. Entra outra.

Um – Bom dia, gostaria de comprar uma mala, por favor.

Dois – Claro, senhor... E é uma mala para ir para onde?

Um – Para ir para onde? O que importa?

Dois – Ah, mas isso muda tudo!

Um – Uma mala é uma mala, não é?

Dois – Desengane-se, caro senhor! Há todo o tipo de malas. Uma mala para viajar, por exemplo, não é a mesma coisa que uma mala para sair de casa depois de uma separação, ou para deixar o país e partir para o exílio.

Um – Para o exílio?

Dois – Concordo consigo... Também há vários tipos de exílio. O exílio fiscal, obviamente, pouco tem a ver com o exílio económico ou político.

Um – Bem... Vamos dizer que é uma mala para viajar, então.

Dois – Viagem de lazer ou viagem de negócios?

Um – De lazer.

Dois – Sozinho ou acompanhado?

Um – Mas vamos lá, isso não é da sua conta!

Dois – Peço desculpa, mas se é uma mala para duas pessoas, isso muda bastante em relação ao tamanho da mala. Especialmente se partilhar a mala com uma mulher... Nesse caso, eu recomendaria mais um baú.

Um – Só vou levar as minhas coisas. A minha mulher deixou-me. Acabámos de nos divorciar...

Dois – Lamento muito que a sua mulher tenha feito as malas e partido sem si...

Um – Obrigado...

Dois – Por quanto tempo será esta viagem?

Um – Uma semana.

Dois – O destino?

Um – Parece que já estou na alfândega...

Dois – Para viajar para África, precisará de uma mala muito mais resistente do que para viajar para a Suíça.

Um – Para a Suíça?

Dois – Está a ir para a Suíça?

Um – Não disse isso!

Dois – Não, porque se é para transportar dinheiro vivo, precisará de uma mala mais segura do que para simples cuecas e algumas meias.

Um – Está a perder o juízo? Quem lhe disse que eu ia à Suíça esconder as minhas poupanças?

Dois – É apenas uma suposição...

Um – Vou a uma ilha, ao casamento da minha filha, se quer mesmo saber.

Dois – Casamento civil? Religioso?

Um – Religioso.

Dois – Que religião?

Um – Mas vamos lá, o que isso tem a ver com a mala?

Dois – Nada. Desta vez, foi apenas por curiosidade. Desculpe.

Um – Está bem...

Dois – Portanto, uma ilha, uma semana, sozinho, lua de mel... Enfim, quero dizer, viagem para assistir a um casamento. Vai de avião ou de barco?

Um – Isso muda algo para a mala?

Dois – Para um cruzeiro de luxo, por exemplo, não lhe recomendaria o mesmo tipo de mala que para um simples voo. A menos que viaje em classe executiva, claro.

Um – Vou de avião, em classe económica.

Dois – Bagagem de mão ou de porão?

Um – De porão. Já chega?

Dois – Sim... Isso será suficiente por agora... e acho que tenho o que precisa.

Sai.

Um – Já estava a perder a esperança...

O outro volta com uma mala completamente comum.

Um – Fez-me todas aquelas perguntas só para me mostrar esta mala?

Dois – Procuramos responder da melhor maneira possível às necessidades dos clientes.

Um – E o que tem esta mala de especial para uma viagem a uma ilha para o casamento da minha filha?

Dois – Nada de especial. Para uma viagem tão banal, basta uma mala banal.

Um – Mas porquê esta, precisamente?

Dois – Porque é o único modelo que nos resta.

Um – O único? Está a brincar! Então para que me fez tantas perguntas?

Dois – Queria ter a certeza de que não era um cliente especial... Mas aparentemente não é...

Um – Um cliente especial? Quer dizer... o tipo que faz um cruzeiro no Titanic e que precisa de uma mala à prova de afundamento?

Dois – Bem, leva ou não leva esta mala? Porque também não tenho o dia todo.

Um – Tem sorte. Não tenho tempo para ir a outra loja. Fico com ela.

Dois – Muito bem. Paga com cheque ou em dinheiro?

Um – Com cheque.

Dois – De que banco?

6. Ficar gelado

Duas personagens sentadas lado a lado. A segunda tem uma mala ao colo.

Um – Já tinha vindo cá alguma vez?

Dois – Sim, mas há muitos anos. E no seu caso?

Um – Não, é a primeira vez. O que veio ver nessa altura?

Dois – Já não me lembro bem... Era com aquele... Como é que ele se chamava? Um ator muito conhecido...

Um – Ah, sim...

Dois – Acho que faleceu.

Um – Ah, faleceu?

Dois – Acho que sim.

Um – Que pena. E de que morreu?

Dois – Sabe como é... Já não era novo. E estava muito doente...

Um – De qualquer forma, é triste para a família. Tinha família?

Dois – Sim, suponho. Como toda a gente.

Um – Bem... E então ele... era muito famoso...

Dois – Ah, muito. Via-se imenso no cinema. Depois, mais na televisão. E, no fim, quase só no teatro. Até que deixou de se ver de todo.

Um – E depois morreu...

Dois – Caiu um bocado no esquecimento, como se costuma dizer.

Um – Acontece, infelizmente.

Dois – Sim, toda a gente se esqueceu dele. Até eu, como pode ver.

Um – É a vida...

Dois – Pois...

Um – Na nossa idade, nem sabemos se são as pessoas famosas que caem no esquecimento, ou se somos nós que perdemos a memória...

Uma pausa.

Dois – O que significa "modo avião"?

Um – O quê?

Dois – A funcionária da sala pediu-nos há pouco que desligássemos completamente os telemóveis. «Mesmo em modo avião.»

Um – Ah sim, é verdade.

Dois – O que isso significa?

Um – Não sei... Nunca viajo de avião. E no seu caso?

Dois – Eu também não. Além disso, não tenho telemóvel.

Um – Eu também não.

Dois – Então, não corremos o risco de esquecer de o desligar.

Uma pausa.

Um – E trouxe a mala consigo?

Dois – Nunca me separo dela. Desde que...

Um – Desde quando?

Dois – Uma vez esqueci-me dela no comboio. Chamaram os especialistas em explosivos. Cheguei mesmo a tempo: iam fazê-la explodir!

Um – A sério?

Dois – Nem imagina o susto... Se a deixo em casa, ainda aparecem os cães da brigada cinéfila à minha porta e os especialistas em explosivos arrombam-na para fazer explodir a mala!

Um – Tem razão, é melhor andar com ela... (Uma pausa.) É verdade que esta mala tem um cheiro estranho...

Dois – Acha?

Um – Deveria começar em breve, não?

Dois – Sim, é verdade...

Um – Há pouco pediram-nos para desligar os nossos telemóveis.

Dois – Ou talvez já tenha começado.

Um – Como poderia já ter começado? Não está a acontecer nada.

Dois – Sabe como é, com o teatro moderno...

Um – Acha que isto é teatro moderno?

Dois – Não sei... Como é oferecido pela câmara municipal...

Um – Por isso é que vim também. Não sabia que era teatro moderno.

Dois – Acha que haverá intervalo?

Um – Ainda existem intervalos?

Dois – Não sei... Depende da duração da peça, suponho.

Um – Acha que a peça é suficientemente longa para justificar um intervalo?

Dois – De qualquer forma, não estava indicado no programa.

Um – Já dura isto há algum tempo, não?

Dois – De qualquer forma, já estamos à espera há bastante tempo.

Um – Não teremos adormecido, pois não?

Dois – Os dois ao mesmo tempo? Não acredito.

Um – Talvez já seja o intervalo...

Dois – Ou talvez já tenha terminado.

Um – Não pode ter terminado já se nem sequer começou!

Dois – Com o teatro moderno, nunca se sabe...

Um – Então o que fazemos?

Dois – Esperemos mais um pouco... Agora seria uma pena ir embora.

Um – Tem razão.

Uma pausa.

Dois – Se ao menos as funcionárias da sala vendessem gelados...

Um – Não é mais no cinema que oferecem gelados?

Dois – Ah, não sei...

Um – Eu também não.

Dois – Nem sei se ainda vendem gelados na sala de cinema.

Um – Então, no teatro...

Dois – É pena. Aposto que viria mais gente ao teatro se vendessem gelados.

Um – Com certeza...

Dois – Esperemos mais um pouco...

Um – E depois, se continuar sem começar, vamos comer um gelado.

Dois – Claro! Deveríamos ter ido diretamente...

Um – Imagine os gelados que podíamos ter comprado com o dinheiro do bilhete.

Dois – Bem, isso é cortesia da câmara municipal.

Um – Sim... A câmara municipal... Deveria ter-nos oferecido gelados...

Dois – Bem, já chega.

Levantam-se.

Um – Vá, vamos embora.

Dois – Vamos comer um par de gelados.

Um – Um par?

Dois – Duas bolas de gelado!

Um – Ah, pois... Não se esqueça da mala.

Dois – Tem razão. Ainda eram capazes de chamar os especialistas em explosivos!

Saem.

7. Segunda oportunidade

A primeira personagem está à beira do palco, com uma mala na mão, inclinada para a frente, a olhar para baixo. A segunda chega a correr.

Dois – Não vais saltar por cima de mim?

Um – Eh... Não... Se puder evitar...

Dois – Desculpa, queria dizer... não vais saltar por cima... da barreira?

Um – Ah... Eh... Não... Se puder evitar...

Dois – Que pena... Quero dizer, melhor assim!

Silêncio constrangedor.

Um – Tenho um ar tão desesperado?

Dois – Não sei... E eu?

Um – Sim, um pouco... Parece que acabaste de sair de...

Dois – Acabei de sair do dentista.

Um – E... não correu bem?

Dois – Mais ou menos... Deixou-me pendurado.

Um – Andas com o teu dentista?

Dois – Não, quero dizer... Cancelou a consulta.

Um – Está bem... E porquê?

Dois – Doíam-lhe os dentes.

Um – Ah sim? Bem, é verdade. Sempre me perguntei para onde vão os dentistas quando lhes doem os dentes.

Dois – E os cabeleireiros, onde vão cortar o cabelo?

Um – Já sabes o que dizem... São sempre os sapateiros os pior calçados.

Dois – Seja como for, tenho sempre dores de dentes... E tu?

Um – Não, os dentes estão ótimos... São praticamente a única coisa que me corre bem na vida.

Dois – Então, era por isso que estavas a pensar...

Um – Em...?

Dois – Bem, em... saltar.

Um – O meu plano não ia assim tão longe... Só queria ter a certeza de que a altura era suficiente. Porque, se é para acabar apenas estropiado...

Dois – Imagina? Estás deprimido, suicidas-te e no final, ficas paraplégico.

Um – Isso seria ainda mais deprimente.

Dois – Com certeza.

Um – Por isso preferia verificar.

Dois – Portanto, andavas a fazer um reconhecimento do terreno?

Um – Exato.

Dois – E?

Um – O quê?

Dois – É alto o suficiente?

Um – Não sei... O que achas tu?

Dois – Não tenho muita experiência...

Aproxima-se e olha.

Um – Mas tem cuidado...

Dois – Tens razão, seria demasiado tolo.

Um – E então?

Dois – Não é muito alto... Saltando de cabeça, talvez...

Um – E além disso é relva.

Dois – Se fosse cimento, ao menos...

Um – A relva é bastante macia. Principalmente quando chove muito.

Dois – É verdade que ultimamente não temos tido muita sorte com o clima.

Um – Não. É realmente deprimente.

Dois – De qualquer forma, certifica-te de não falhar. Porque se não, não terás uma segunda oportunidade.

Um – Desculpa?

Dois – Quando alguém dá um tiro em si próprio, se não resultar à primeira, pode tentar outra vez. Mas quando se salta para o vazio...

Um – É verdade.

Dois – Vês-te a subir as escadas com uma perna partida e uma fratura no crânio para te lançares novamente no vazio?

Um – Não...

Dois – Sei que o ridículo não mata, mas... há limites...

Um – Sim, preferiria morrer com dignidade.

Dois – Bem, tenho de te deixar. Desculpa, mas realmente estou com muitas dores de dentes.

Um – De qualquer forma, obrigado pelos teus conselhos.

Dois – De nada. Sabes onde há uma farmácia de serviço por aqui? É por causa dos dentes...

Um – Sim, acho que sim... Vou contigo. Se calhar experimento os medicamentos...

Dois – Pois... A vantagem dos medicamentos é que, se não resultar à primeira...

Um – Ainda se pode tentar uma segunda vez...

Saem juntos.

8. Sétimo céu

Uma personagem está em cena. A segunda entra com uma mala.

Dois – Bom dia, vinha por causa de... Enfim, sabe...

O outro não parece saber.

Um – Ah, sim, o suicídio assistido! É que... Vai rir-se, mas também fazemos recolha de esperma. (O outro não se ri.) Desculpe. Pela sua expressão, devia ter percebido que não vinha para...

Dois – Não.

Um – E, além disso, não se vem com uma mala para fazer uma doação de esperma.

Dois – Não.

A primeira personagem entrega-lhe um formulário.

Um – Ora aqui está, tem de preencher o formulário. Espere, vou confirmar que não o confundi com o outro... Não, é mesmo este. Nome, morada, telefone...

Dois – Telefone?

Um – Bem, não é obrigatório indicar... Não vamos propriamente ligar-lhe depois... Enfim... Número de identificação, pessoa a avisar em caso de não morte...

Dois – Em caso de não morte? Tem a certeza?

Um – Em princípio, é cem por cento fiável, mas sabe como é... A perfeição não existe. Trouxe o cheque e uma fotografia de identificação?

Dois – Aqui estão... (Entrega-lhe os documentos.) A fotografia não é muito recente, mas...

O outro olha para a foto.

Um – Ah, pois... Que idade tinha aqui?

Dois – Seis meses.

Um – Afinal, não pediram uma «fotografia recente». Veio por recomendação de alguém?

Dois – Desculpe?

Um – Se algum antigo cliente o tiver recomendado, metade do preço reverte a favor da família dele. Não sabia?

Dois – Não.

Um – Que pena. Podia ter beneficiado os seus familiares. Não conhece ninguém com tendências suicidas?

Dois – Não sei...

Um – Enfim, agora já é tarde. Fica para a próxima... Quer dizer... Falta ainda um pequeno teste...

A primeira personagem entrega-lhe outro formulário.

Dois – Não me diga que é preciso ter um QI acima da média para ter direito a morrer?

Um – Não, esteja descansado. Toda a gente tem direito a pôr fim à vida. Até os idiotas. É só para confirmar que está na plena posse das suas faculdades e sabe exatamente o que está a fazer.

Dois – Bem...

Um – Basta assinalar as respostas certas. Não é difícil. Até agora, nunca reprovámos ninguém.

A segunda personagem examina o teste e começa a assinalar as respostas.

Dois – Ah, de facto... Quanto é um mais um? De que cor é o cavalo branco do rei? Há vida depois da morte?

Um – Tem direito a um joker.

Dois – Nesse caso, volto mais tarde para responder à última.

Um – Só lhe digo que ainda não temos serviço pós-venda!

A segunda personagem devolve o teste preenchido à primeira.

Dois – É tudo quanto às formalidades?

Um – Quase... Trouxe uma carta de desmotivação?

Dois – Não...

Um – Estou a brincar, não se preocupe.

Dois – E agora, o que fazemos?

Um – Está tudo em ordem. Vou anunciá-lo...

Dois – Anunciar-me? Quer dizer... lá em cima?

Um – Sim, se quiser... É no sétimo...

Dois – O sétimo céu?

Um – O sétimo andar! O serviço encarregado de...

Dois – Ah, sim, desculpe.

A primeira personagem pega no telefone.

Um – Sim, Cristina, chegou o teu cliente... Está bem, digo-lhe que espere... (Desliga.) Estamos com algum atraso. Para nós, o inverno é a época alta... E este ano, com este tempo... É tão deprimente...

Dois – Tenho todo o tempo do mundo...

Um – Eu não, infelizmente... Tenho um dia cheio. Mas primeiro vou à máquina do café. O despertador não tocou e não tive tempo de tomar um esta manhã. Quer que lhe traga um?

Dois – Um quê?

Um – Um café!

Dois – Sim, porque não...

Um – Não se preocupe. Se já cá não estiver quando eu voltar, bebo-o à sua saúde... Quer dizer, em seu lugar.

Dois – Obrigado por tudo.

Um – De nada.

Dois – Não, a sério. É a última pessoa que vou ver antes do grande salto. Assim não fico com nada de que me arrepender.

Um – Obrigado. E... não se esqueça da mala.

O outro parece um pouco indeciso.

9. Adeus ou a nada

Duas personagens estão perante o público. Não se olham. A primeira leva uma mala.

Um – Bem... Tudo o que é bom acaba.

Dois – E... não há boa companhia que não se despeça.

Um – Então, vou andando...

Dois – Sim.

Um – Então... Até logo.

Dois – Até logo.

Um – Bem, quando eu digo até logo...

Dois – Tens razão. O mais provável é nunca mais nos vermos.

Um – Não...

Dois – Então, adeus, melhor dizendo.

Um – Isso mesmo... Adeus.

Dois – Assim é...

Um – Bem, quando eu digo adeus...

Dois – O quê?

Um – Acreditas nisso?

Dois – A que te referes?

Um – Em Deus!

Dois – Ah! Bem... Na verdade, não...

Um – Então, «adeus» também não é bem a palavra certa.

Dois – Não.

Um – Então... O que é que se diz quando não se acredita em Deus?

Dois – Não sei...

Um – No que acreditas?

Dois – Não sei... Em nada.

Um – Então... A Nada.

Dois – A nada?

Um – Em vez de «adeus», podíamos dizer «a nada».

Dois – Sim, poderíamos...

Um – Mas, nesse caso, vale a pena dizer alguma coisa?

Dois – É verdade...

Uma pausa.

Um – Bem, então vou-me embora. Sem dizer nada.

Dois – Para que serviria, de qualquer forma?

A primeira personagem começa a sair, mas muda de ideias.

Um – Podemos dar um beijo, pelo menos?

Dois – Se quiser...

Beijam-se. A primeira personagem sai com a mala.

Dois – A nada...

10. Bagagem suspeita

Em cena, uma mala. Entra uma personagem. Olha para a mala e fica à espera. Entra outra personagem, que a cumprimenta.

Dois – Bom dia...

Um – Bom dia.

A segunda personagem fica também à espera.

Dois – Está à espera há muito tempo?

Um – Há uns dez minutos.

Dois – Não me diga que estão outra vez em greve...

Um – Não me parece.

Dois – Ou então houve uma ocorrência com um passageiro, como eles dizem...

Um – Talvez.

Dois – Uma ocorrência... Na verdade, querem dizer um acidente. Quer dizer, um suicídio... Alguém que se atirou para debaixo do...

Um – Ah, pois...

Dois – É para não traumatizar as pessoas. Em vez de dizerem que alguém ficou cortado ao meio, chamam-lhe uma ocorrência com um passageiro. Já ninguém se atreve a chamar as coisas pelo nome... Um cego agora é uma pessoa que não vê, um sem-abrigo já não é um vagabundo, um bêbado é uma pessoa com dependência do álcool... Antigamente...

Um – Eu não vou muito longe. Acho que vou a pé.

Começa a afastar-se.

Dois – Desculpe!

Um – Sim?

Dois – Está a esquecer-se da mala.

Um – Da minha mala? Ah, não... Esta mala não é minha.

Dois – Não é sua?

Um – Não. Pensei que fosse sua.

Dois – Minha? De maneira nenhuma. Já cá estava quando cheguei.

Um – É verdade... Pensei que se tivesse afastado por uns instantes. Para ir... Portanto, não é sua.

Dois – Não... E tem a certeza de que não é sua?

Um – Absoluta! Porque havia de dizer que não era minha, se fosse?

Dois – Sei lá... Há sempre pessoas que deixam as malas abandonadas em qualquer lado. Nunca se sabe porquê. Nunca apanhou um comboio de alta velocidade numa grande estação?

Um – Não...

Dois – Metade das vezes, a partida atrasa-se porque alguém deixou uma mala numa carruagem e é preciso esperar pela equipa de desativação de explosivos.

Um – Deixou-a ou esqueceu-se dela?

Dois – Quem sabe...

Um – Não se abandona uma mala como se abandona um cão.

Dois – E depois ainda é preciso esperar pela brigada cinéfila...

Um – A brigada cinéfila?

Dois – Sim, a equipa que procura explosivos! Com os cães farejadores.

Um – Ah... Quer dizer «cinófila», suponho. Nunca vi cães a trabalhar num cinema.

Dois – Tirando os cães-guia, talvez.

Um – Mas o que iria um cego fazer ao cinema?

Dois – Pois... Embora agora haja audiodescrição.

Um – Também nunca vi cinéfilos a farejar explosivos. Mas estamos a fugir ao assunto...

Dois – Então, que fazemos?

Um – O que quer que façamos?

Dois – Não podemos ir embora e deixar aqui a mala abandonada.

Um – Mas a mala não é nossa! Não se pode dizer que a estamos a abandonar...

Dois – Agora que sabemos que está abandonada, temos uma responsabilidade.

Um – Uma responsabilidade?

Dois – Estamos a falar de uma bagagem abandonada!

Um – Tenho mais que fazer... E foi o senhor quem reparou que a mala estava abandonada.

Dois – Mas foi o senhor quem a viu primeiro! E já se ia embora, deixando-a aqui!

Um – Já lhe disse que a mala não é minha! Não se pode abandonar uma mala que já foi abandonada! Deixamo-la onde está e pronto.

Dois – Então, se encontrasse uma criança abandonada, deixava-a onde estava só porque não era sua?

Um – Mas uma mala não é uma criança!

Dois – Talvez não. Mas pode ser muito mais perigosa.

Um – Perigosa?

Dois – Se estiver cheia de explosivos e o dono a tiver deixado aqui de propósito.

Um – Estatisticamente, é muito raro uma mala abandonada num comboio conter realmente explosivos.

Dois – Sim... Mas pode acontecer.

Um – Acha que devemos chamar a polícia?

Dois – Parece-me que é nosso dever.

Entra uma terceira personagem. Repara na mala.

Três – Ah! A minha mala! Bem me parecia que a tinha deixado aqui antes de entrar no...

Pega na mala e começa a afastar-se.

Um – Em todo o caso, nós cumprimos o nosso dever.

Dois – Pois cumprimos...

Um – Acho que vou a pé.

Dois – Eu também.

Saem em direções opostas.

11. Tal e qual o filho

Uma personagem de meia-idade tem uma mala. Entra outra, mais jovem, que começa a observá-la, primeiro disfarçadamente e depois sem qualquer discrição.

Um – Conhecemo-nos?

Dois (*estendendo a mão*) – João!

Um – João? Mas eu não me chamo João...

Dois – João! Sou eu, João. Fizemos teatro juntos.

Um – Teatro?

Dois – Não fazes teatro?

Um – Sim... Bem, fiz... Mas foi há muito tempo. E por muito pouco tempo.

Dois – Naquele curso de teatro...

Um – Sim...

Dois – No centro cultural, lembra-se?

Um – Sim, é isso...

Dois – Ensaíamos juntos uma cena de Molière. «O gatinho morreu.»

Um – «O gatinho morreu»?

Dois – Eu fazia de gato.

Um – A sério?

Dois – Não, estou a brincar. Fazia de Inês.

Um – Inês?

Dois – O professor era um bocado estranho...

Um – Certamente por isso é que não fiquei mais tempo. Não me lembro de ter feito essa cena.

Dois – Mas claro! Era de «A Escola das Mulheres»!

Um – De qualquer forma, parece que te marcou.

Dois – Mas lembras-te de mim, certo?

Um – Sim, sim, claro... Mas...

Dois – Já passou muito tempo, claro... Envelhecemos...

Um – Ainda pareces bastante jovem.

Dois – Sim, não é? Mas tu...

Um – Eu...

Dois – Quase nem te reconhecia.

Um – Já passaram alguns anos.

Dois – Mesmo assim. É incrível.

Um – Incrível?

Dois – Como envelheceste.

Um – Obrigado...

Dois – Não, mas mudamos, claro, com o tempo. Eu também amadureci um pouco. Mas tu...

Um – Eu...

Dois – Bolas... Envelheceste imenso.

Um – Bem... Mas vais conseguir ultrapassar o choque, não vais?

Dois – Sim, sim, desculpa... É só que... parece-me estranho ver-te assim.

Um – Já percebi.

Dois – E eu, achas que não mudei?

Um – Desculpa, mas... tens a certeza mesmo de que fizemos teatro juntos?

Dois – De certeza. Tenho uma excelente memória para caras. Senão, nunca te teria reconhecido. Envelheceste tanto...

Um – Na escola de teatro, portanto?

Dois – Pois... «O gatinho morreu»...

Um – Ok... Agora lembro-me.

Dois – O quê?

Um – Fui assistir a uma aula porque o meu filho estava inscrito naquele curso.

Dois – Teu filho?

Um – Frederico. Deve ter sido com ele que ensaiaste essa cena.

Dois – Mas não és tu o Frederico?

Um – É o meu filho. Tem a tua idade. Só fui às aulas durante duas semanas, até perceber que o teatro não era para mim. E representar ao lado do meu filho... Enfim, deixei de ir.

Dois – Com certeza foi nesse momento que cheguei. Estava em lista de espera... À medida que surgia uma vaga...

Um – Pois... E representaste a cena com o Frederico, o meu filho. É verdade que somos muito parecidos, mas enfim...

Dois – Bem me parecia! Ninguém envelhece assim em cinco anos. Mas afinal que idade tens?

Um – Poderia ser teu pai...

Dois – Bom... Sinceramente, não parece. E para onde vais com essa mala?

Um – Fui visitar o meu filho, precisamente. E agora estou de regresso... ao lar de idosos.

O outro parece não saber se ele está a ser gozado ou não.

12. O grande salto

A primeira personagem, que pode ser uma pessoa doente ou idosa, está junto à beira do palco, como se se preparasse para saltar. Tem uma mala. A segunda, que pode ser um sacerdote ou um enfermeiro, segura-lhe a mão e empurra-a suavemente para a frente.

Dois – Então, está pronto para o grande salto?

Um – Sim, quer dizer...

Dois – Se ainda não estiver pronto, diga.

Um – Estou, estou. Mas...

Dois – Porque, se não estiver... Ainda temos tempo. Não há pressa.

Um – Quanto tempo?

Dois – Quanto? Sei lá... Uns cinco minutos, pelo menos.

Um – Cinco minutos?

Dois – Temos tempo, mas... também não temos a vida toda.

Um – Ponha-se no meu lugar.

Dois – Prefiro não, obrigado. Mas verás, não vai sentir nada. E depois vai sentir-se muito melhor...

Um – Vou ver?

Dois – Desculpe?

Um – Disse «verás».

Dois – Ah, sim... Bem, não. Tem razão, provavelmente também não verás nada...

Um – Então porque diz «verás»?

Dois – É uma maneira de falar! Sabe, não é fácil descrever... Quer dizer, explicar...

Um – Na verdade, não faz a mínima ideia.

Dois – Não...

A primeira personagem continua a hesitar.

Um – Acha que há alguma coisa lá em baixo? (A outra mostra-se pouco convencida.)
Acha que isto tem fundo?

Dois – Acha que pode não ter fundo?

Um – Agora é que faz as perguntas? Pensei que estava aqui para me tranquilizar... Para me explicar tudo.

Dois – Sim, mas... Tem razão. No fundo, não sei mais do que quem está prestes a saltar. E, de certa forma, saberá antes de mim...

Um – Só que não poderei voltar para lhe contar.

Dois – E não tenho a certeza de querer saber antes da hora...

Um – Um poço sem fundo...

Dois – Será possível?

Um – Segundo Newton e a lei da gravitação universal, o universo passa a vida a cair sobre si próprio. Existir é estar em queda permanente. Um desmoronamento sem fim. Passamos a vida a cair. Caio, logo existo...

Dois – Nascer também é dar um salto para o desconhecido.

Um – Para o vazio, pelo menos...

Dois – Dizem que os gatos têm sete vidas. E acabam sempre por cair de pé.

Um – Que tem isso a ver?

Dois – Nada... Mas quando chega a hora...

Um – Quer saltar em meu lugar?

Dois – Um dia também terei de o fazer. Mas, por enquanto... Não tenho pressa.

Um – A filosofia em geral, e a religião em particular, não deviam ser uma alternativa obscurantista à ciência, mas uma maneira de a antecipar, lançando intuições que depois se possam confirmar ou refutar. Os crentes deviam abrir caminho. Não apagar a luz ao sair.

Dois – Pois... Está pronto agora?

Um – Aliás, na Grécia antiga não havia fronteira entre ciência e filosofia. Os filósofos também eram matemáticos. Ou vice-versa.

Dois – Ora essa... Não sabia...

Um – «Que ninguém entre aqui se não souber geometria.» Estava escrito à entrada da Academia.

Dois – Da Academia de Letras?

Um – Da escola fundada por Platão!

Dois – Ah, claro...

Um – Foi mais tarde que tudo começou a desmoronar-se.

Dois – Deve ter sido por causa da gravidade. Vai sozinho ou prefere que o empurre?

Um – Já vou, já vou... Parece que me estou a preparar para saltar de paraquedas.

Dois – Pois... Mas não tem paraquedas.

Um – Ou para fazer bungee jumping.

Dois – Só que não há elástico.

Um – Ou para saltar de cima do banco com uma corda ao pescoço.

Dois – Mas também não há corda. Vai simplesmente saltar e esborrachar-se lá em baixo.

Um – Nesse caso, até prefiro que não haja fundo. Porque tenho eu de saltar, afinal?

Dois – Lembra-se de quando era criança e chegava ao alto do escorrega, depois de subir o último degrau?

Um – E então?

Dois – Quando se chega lá acima, é preciso avançar. Para deixar passar os que vêm atrás.

Um – Está bem... Acha que há alguma escada para voltar a subir?

Dois – Meu caro... É aí que a ciência acaba e a fé começa.

Empurra a outra personagem para além da beira do palco, que representa a borda do abismo.

13. Seguro contra furos

Uma personagem está em cena. Entra outra com uma mala.

Dois – Bom dia, fiz uma reserva online para alugar um carro...

A segunda personagem entrega um documento à primeira, que o examina rapidamente.

Um – Muito bem... Posso ver a sua carta de condução?

A segunda personagem entrega-lhe a carta de condução.

Dois – Aqui está...

Um – Isto é uma carta de navegador de recreio.

Dois – Ah, sim, desculpe.

A segunda personagem recupera a carta de navegador e entrega a carta de condução.

Um – Então... Pretende alugar... um carro funerário, é isso?

Dois – Sim, é isso.

Um – Certo... E por quanto tempo?

Dois – Um dia será suficiente.

Um – É para acompanhar um ente querido até à sua última morada, suponho?

Dois – Sim, de certa forma...

Um – De certa forma?

Dois – Na verdade, é para mim.

Um – Certo... E... é para ir...?

Dois – De minha casa até ao cemitério. Como comprei um caixão em kit, pensei que podia alugar um carro funerário e conduzi-lo eu próprio...

Um – Claro...

Dois – Ainda pensei em chamar um táxi, mas depois...

Um – Percebo. Nesse caso, não estará interessado na opção de quilometragem ilimitada, pois não?

Dois – Não me parece necessário.

Um – Vejo que o senhor também não contratou a opção Assistência Serenidade...

Dois – Eu... Não... O que é isso?

Um – Em caso de avaria, tratamos de tudo e, se for preciso, fornecemos sem custos uma viatura de substituição. Quer dizer... um carro funerário de substituição.

Dois – Eu... Não sei... São apenas cinco quilómetros... O risco é bastante limitado.

Um – Sabe como é... Uma avaria também pode provocar um acidente.

Dois – Um acidente? A conduzir eu próprio um carro funerário para o meu funeral?

Um – Seria realmente azar, reconheço.

Dois – A menos que fosse um acidente mortal, claro.

Um – Também pode ser apenas um furo...

Dois – Um furo?

Um – Não é obrigatório, mas seria mais prudente.

Dois – Não me diga que o pneu sobresselente também é opcional?

Um – Não, claro... Quer dizer, julgo que não... Enfim, a decisão é sua...

Dois – Acho que vou correr o risco.

Um – Nesse caso, aqui tem as chaves.

A segunda personagem pega nas chaves.

Dois – Muito bem.

Um – Só me resta desejar-lhe uma boa viagem.

Dois – Obrigado.

Um – E... tenha cuidado na estrada.

A outra personagem sai com a mala.

14. Libertação

Duas personagens. A segunda fecha uma mala.

Um – Então, hoje é o grande dia?

Dois – Sim... Chegou a hora da libertação.

Um – Quarenta anos...

Dois – Quase perpétua.

Um – Não é humano. Seja qual for o seu crime, ninguém merece isso.

Dois – E além disso, eu sou inocente.

Um – Todos dizemos isso...

Dois – Quanto tempo falta para ti?

Um – Vinte e cinco anos, sete meses e três dias.

Dois – Não esqueceste os anos bissextos?

Um – Detesto os anos bissextos...

Dois – Agora, eu vou amá-los um pouco mais.

Um – E o que vais fazer com a tua liberdade?

Dois – Não sei. Já perdi o hábito...

Um – Não vais fazer nenhuma asneira, pois não?

Dois – Que asneira?

Um – daquelas que te fariam voltar para aqui.

Dois – Não, descansa.

Um – Não te vais esquecer de nós, pois não?

Dois – Claro que não.

Um – Também não te estou a pedir que venhas cá visitar-nos.

Dois – Tens razão. Fazia-nos mal aos dois.

Um – Vou ter saudades tuas.

Dois – Eu também... Embora preferisse que nos tivéssemos conhecido noutra sítio.

Um – A que horas exatamente é a saída?

Dois – Às 17 horas.

Um – Vem alguém buscar-te, ou...?

Dois – Ninguém me vem buscar. Pego nas minhas coisas e vou sozinho de metro. Como um homem crescido...

Um – Enquanto tivermos saúde...

Dois – Sim...

Um – Quarenta anos, e cabe tudo nesta velha mala. Já viste?

Dois – Cheguei aqui com uma mala pequena e vou sair com a mesma.

Dois – Sim...

Um – Tens a certeza de que não te esqueceste de nada?

Dois – Deixo-te a máquina de café...

Um – Que simpático da tua parte.

Dois – Eu, a partir de agora, vou beber o meu café ao café da esquina.

Um – Tens sorte...

Dois – Infelizmente, devo ir sozinho. Passou tanto tempo que já não conheço ninguém.

Um – Tens a certeza de que o café da esquina ainda está aberto?

Dois – Achas?

Um – Todos fecham, um após o outro.

Dois – Quando era miúdo, aquele café era como um clube de jovens. Juntávamo-nos todos à volta dos matraquilhos. Fizemos tantas asneiras...

Um – Se não tivéssemos feito tantas asneiras em novos, não tínhamos acabado assim...

Dois – É verdade. Teríamos sido banqueiros ou advogados.

Um – Enfim, agora é tarde demais... O jogo está feito.

Dois – E já não se aceitam mais apostas.

Um – O diretor não te pediu para ires ter com ele?

Dois – Para quê? Organizar uma festa de despedida?

Um – Tens razão. Vai-te embora sem dizer adeus.

Dois – Prefiro evitar vê-lo de novo.

Um – Bem, acho que desta vez é hora.

Dois – Quando é preciso ir, é preciso ir.

Abraçam-se, emocionados.

Um – Bem, então... Goza bem a reforma, meu velho!

Dois – Vou tentar...

A segunda personagem sai com a mala. A primeira fica em cena.

Um – Bolas... E ainda tenho vinte e cinco anos pela frente.

15. È finita la commedia

Entram duas personagens. A segunda traz uma mala, que pousa no chão.

Um – Mas que comédia vem a ser esta?

Dois – Calma... Também não vale a pena fazer um drama...

Um – Está a brincar comigo? Isto é uma tragédia!

Dois – Eu diria antes que estamos num melodrama.

Um – Seja como for, parece que entrámos numa peça de teatro de quinta categoria.

Dois – Pois. Ao princípio parecia um vaudeville.

Um – E depois de uns quantos equívocos...

Dois – Transformou-se num filme de terror.

Um – Posso dizer-lhe uma coisa à parte?

Dois – Prometo não a anunciar em voz alta a toda a plateia.

Um – Se isto continua assim, vamos acabar por ir contra o cenário.

Dois – Infelizmente, é um desfecho possível.

Um – Viu a cena do crime?

Dois – A mim parece-me tudo uma encenação.

Um – Poupe-me a esse cinema.

Dois – O suspeito está claramente a representar.

Um – É verdade que nos fez uma grande cena...

Dois – Uma cena digna do segundo ato.

Um – Que ator!

Dois – Uma personagem muito curiosa, sem dúvida.

Um – Quanto à vítima, tinha todo o ar de uma jovem promessa do teatro.

Dois – Eu diria mesmo uma ingénua.

Um – E julgava-se uma vedeta.

Dois – Pelo menos, a morte levou-a até às luzes da ribalta.

Um – Embora, ao que parece, tudo se tenha passado à porta fechada.

Dois – Sem público, não há testemunhas.

Um – Escuridão total.

Dois – Ela sonhava pisar os palcos...

Um – E vai acabar entre quatro tábuas.

Dois – Em todo o caso, devia estar contente. Sempre sonhou ficar debaixo dos holofotes. E agora tem este caso rocambolesco.

Um – Temos de ensaiar um pouco antes de falar à imprensa.

Dois – Desta vez tente não ser tão teatral.

Um – Normalmente, quem exagera na representação é quem eu cá sei.

Dois – Tem muita graça.

Um – E quem eu cá sei é um autêntico Tartufo.

Dois – Era isto que queria, não era? Ver o seu nome no cartaz, em letras grandes?

Um – Fique descansado, deixo-lhe o papel principal.

Dois – Não, obrigado. Sei muito bem que adora estar no centro do palco.

Um – Como se chama o autor do crime? Deu-me uma branca.

Dois – Não conte comigo para lhe soprar o texto.

Um – Claro... Sempre quis roubar-me o protagonismo.

Dois – Que tal fazermos uma pausa? A mim sabia-me bem um intervalo.

Um – De qualquer maneira, estamos perto do desfecho.

Dois – A menos que haja uma reviravolta inesperada.

Um – Acho que está na altura de sairmos de cena.

Dois – Sim, o pano está quase a cair.

Um – E receio que voltemos a ter um fracasso de bilheteira.

Dois – Ao menos tentemos fazer uma boa saída.

Um – Não estava à espera de um pedido de bis, pois não?

Dois – Saímos pela direita ou pela esquerda de cena?

Um – É um dilema digno de Shakespeare...

Dois – Vamos pela saída dos artistas. É mais discreto.

Um – Também detesto dar espetáculo.

Ao sair, a segunda personagem olha para uma espectadora.

Dois – Olhe... Há ali um belo balcão!

A outra também olha.

Um – Eu diria até que temos casa cheia.

Dois – Afinal, parece que vamos fazer sucesso.

Um – Para amadores, até nos saímos como profissionais.

Dois – Não comece a armar-se em estrela.

Um – E deixe-se de palhaçadas.

Dois – Que circo...

Um – Não quer mesmo dar uma última volta à pista?

Dois – Não, tem razão. É melhor não cansarmos o público...

Um – Concentremo-nos no essencial, mas não esqueçamos os adereços...

Dois – Porque os adereços são a própria essência do teatro.

A segunda personagem pega na mala.

Dois – È finita la commedia.

Saem.

Fim.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Janeiro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-138-1

Documento para download gratuito